

ESCOLARIZAÇÃO EM TERRITÓRIOS RURAIS: NARRATIVAS DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO NA BAHIA

Catarina Malheiros da Silva

Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS

<http://lattes.cnpq.br/0698661716931522>

<https://orcid.org/0000-0002-6179-9448>

E-mail: cmsilva@uefs.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4-42>

RESUMO: Na tematização sobre educação escolar no Brasil é preciso destacar que o acesso ao ensino médio de qualidade constitui-se como direito humano de toda a população jovem. A exigência da oferta e garantia do ensino médio demarca uma nova fase no processo de escolarização dos territórios rurais, uma vez que não apenas concretiza o acesso e conclusão dos jovens nesta etapa de ensino como também permite que a configuração familiar e social dos territórios seja redimensionada. O estudo objetivou compreender os sentidos atribuídos pelos jovens às suas histórias escolares, considerando as mudanças relacionadas à elevação do nível educacional, bem como o impacto dos projetos de saída, em um distrito rural. Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam o processo de escolarização em áreas rurais, optou-se por adotar os princípios da pesquisa qualitativa, com base na entrevista narrativa. A análise pautou-se nos princípios da análise compreensiva e interpretativa da narrativa (Souza, 2014; 2016). Os resultados apontam, dentre outros aspectos, que a longevidade escolar no distrito vem se consolidando, em razão tanto da oferta regular de ensino público, como da mobilização familiar em direção à inserção dos/das jovens na Universidade. Diante da configuração de novos contextos educacionais, os/as jovens pautam os projetos de saída, a partir das possibilidades de ampliação da escolaridade, mas também pela inserção no mundo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar. Juventude Rural. Ensino Médio. Pesquisa Qualitativa.

SCHOOLING IN RURAL TERRITORIES: NARRATIVES OF HIGH SCHOOL STUDENTS IN BAHIA

ABSTRACT: In thematization on school education in Brazil, it is essential to emphasize that access to quality high school education constitutes a human right for the entire young population. The requirement for the provision and guarantee of high school education marks a new stage in the schooling process within rural territories, as it not only ensures the access to young people and completion of this level of education but also allows for a reconfiguration of family and social dynamics in these territories. This study aimed to understand the meanings attributed by young people to their school histories, considering the changes associated with increased educational attainment, as well as the impact of their exit projects, in a rural district. In an effort to recognize the specificities that characterize the schooling process in rural areas, the principles of qualitative research were adopted, based on narrative interviews. The analysis was guided by the principles of comprehensive and interpretive narrative analysis (Souza, 2014; 2016). The results indicate, among other aspects, that school longevity in the district has been consolidating,

due both to the regular provision of public education and to family mobilization toward the inclusion of young people in higher education. Given the configuration of new educational contexts, young people ground their exit projects in the possibilities of expanding their schooling, but also in their insertion into the world of work.

KEYWORDS: School Education. Rural Youth. High School. Qualitative Research.

INTRODUÇÃO

As questões relativas aos jovens estudantes e residentes em áreas rurais de pequenos municípios, há alguns anos vêm ocupando um espaço importante em minha vida, já que em meu trajeto formativo e profissional os/as jovens do sertão baiano sempre estiveram presentes. Como coordenadora pedagógica no período de 1999 a 2004 nas escolas do ensino fundamental, localizadas em áreas rurais, convivi com jovens estudantes e trabalhadores, que vivenciam experiências nos espaços que frequentam para além da escola. Esse convívio instigou-me a buscar o estudo sobre estes, numa perspectiva que reconhecesse suas vozes como possibilidade.

O rural não é construído apenas a partir da utilização do espaço, mas através da vida que é gestada cotidianamente no coletivo. É na família e no grupo de vizinhança que os/as jovens vivenciam as rotinas da vida rural, trocando e partilhando experiências, conflitos e projetos. Além dos grupos comunitários e familiares, a escola figura como espaço formativo relevante para a população rural, em virtude do histórico de negação do acesso à educação pública. As pesquisas sobre juventudes têm destacado a importância do desenvolvimento educacional, do mundo do trabalho e dos projetos profissionais, numa perspectiva que considere a condição juvenil de mulheres e homens, no momento presente.

Na tematização sobre educação escolar no Brasil é preciso destacar que o acesso ao ensino médio de qualidade constitui-se como direito humano de toda a população jovem. A exigência da oferta e garantia do ensino médio demarca uma nova fase no processo de escolarização dos territórios rurais, uma vez que não apenas concretiza o acesso e conclusão dos jovens nesta etapa de ensino como também permite que a configuração familiar e social dos territórios seja redimensionada.

No que tange a escolarização em algumas áreas rurais brasileiras, as projeções

feitas pelos/as jovens em torno da continuidade dos estudos estão associadas à ideia de migração e de mobilidade social. Esse cenário possibilita o entendimento do ser jovem no meio rural, uma vez que a ampliação da escolaridade favorece o prolongamento da juventude, mediante a existência da dependência e coabitação com a família de origem (Abramovay; Mello, 2004).

O presente texto apresenta, inicialmente, um breve panorama do ensino médio nos territórios rurais, a partir da experiência escolar dos/das jovens. Em seguida apresenta a perspectiva metodológica e um dos eixos temáticos da pesquisa¹, que discorre sobre os sentidos atribuídos pelos/as jovens à educação escolar, considerando as mudanças relacionadas à elevação do nível educacional, a inserção no mundo do trabalho, bem como o impacto dos projetos de saída do meio rural. Por fim, as considerações finais destacam a relevância das questões vinculadas aos jovens dos territórios rurais, numa perspectiva que reconheça as vozes que foram silenciadas em épocas passadas. Para isso faz-se necessário compreender como os/as jovens vivenciam a sua condição juvenil, relacionam-se com o mundo do trabalho, projetam o futuro e quais os significados atribuídos às suas experiências escolares.

JUVENTUDE E EXPERIÊNCIA ESCOLAR NOS TERRITÓRIOS RURAIS

Assegurar as singularidades que caracterizam as áreas rurais bem como a qualidade nas escolas de ensino médio, pressupõe o rompimento com a supremacia do ideário urbano, exigindo para a escola do campo² não só um planejamento interligado à vida, à produção e ao trabalho, mas também uma educação que garanta aos sujeitos escolares o acesso às tecnologias proporcionadas pelos modernos meios de comunicação, assim como a possibilidade de uma recepção crítica das expressões culturais veiculadas

¹ Este artigo apresenta um dos eixos temáticos da pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade de Brasília e do Grupo de pesquisa GERAJU, cujo título é: *“Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural”*, sob a orientação da Profª Dra. Wivian Weller, no período de 2011-2014. Apoio: Capes.

² A origem do conceito de Educação do Campo no Brasil está aportada nas demandas apresentadas pelos movimentos camponeses, em prol da construção de uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária. Este conceito abarca uma multiplicidade de experiências educativas desenvolvidas por diferentes instituições, que concebem o campo, a educação e a escola sob outras perspectivas (Silva, 2006).

pela mídia.

A reivindicação por um ensino médio de qualidade está ancorada também na memória da exclusão, abandono e segregação que marcou a existência de homens e mulheres camponeses, durante muitos anos. O desenvolvimento dos territórios rurais demanda uma política educacional que compreenda e atenda a diversidade e amplitude inerente a este espaço. Propõe ainda o reconhecimento dos sujeitos como protagonistas propositivos de políticas e não como beneficiários e ou usuários.

O ensino público brasileiro ainda não garante aos alunos as condições necessárias para que desenvolvam uma relação significativa com o saber escolar, o que compromete a qualidade do ensino médio. O entendimento ainda vigente é o de que o/a aluno, ao rejeitar a escola e o/a professora, não consegue se apropriar do saber escolar e/ou intelectual.

Historicamente, a instituição escolar parte do princípio de que todos os jovens deste país provêm de espaços onde as relações sócio-culturais, o pertencimento étnico-racial, as relações de gênero, o território e tantas outras dimensões são homogêneos e únicos. Nesse sentido, a desarticulação existente entre o saber mediado na escola e o cotidiano de jovens que vivem no meio rural reforça a assertiva de que as formas de vida e a cultura dos grupos privilegiados é que são valorizadas e instituídas como cânone (Spósito, 2005; Dayrell, 2005).

Segundo Charlot (2001), em muitos contextos educativos, os/as jovens estabelecem uma relação com o ensino médio bastante frágil, pois o que se ensina na escola não faz sentido para o momento presente destes, mas somente para um futuro distante, que já não pode ser previsto. Conforme destaca Corti (2004, p.104), “Uma das questões centrais hoje, quando se fala na relação dos [as] jovens com o ensino médio, diz respeito à relação dos jovens com o conhecimento. Há, notadamente, uma relação tensa dos jovens com o saber escolar, que precisa ser melhor investigada.” É importante assinalar também que toda relação com o saber escolar é singular e social.

Aprender é um processo singular, desenvolvido por um sujeito singular. Na tentativa de compreender a relação estabelecida entre os jovens e o ensino médio nos territórios rurais através de suas vozes, é importante ainda reconhecer os sentidos

atribuídos pelos jovens aos saberes ditos formais ensinados na escola, pois “...se interrogar sobre a transmissão de um saber implica interrogar-se também sobre a postura que a apropriação deste saber supõe, sobre o acesso a certas formas de relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo” (Charlot, 2001, p. 21).

A compreensão dos significados do ensino médio para os/as jovens que vivem nos distintos territórios rurais passa também pelo conhecimento dos espaços de vivência e aprendizado extra-escolares, numa perspectiva em que o diálogo e o respeito por suas condições de vida passam a ser fundantes. É importante ressaltar que a população campesina constrói conhecimento nos espaços informais, propagando uma maneira particular de viver e conhecer o mundo que os cerca. Pensar a educação, nessa perspectiva, implica compreender a construção do saber como algo vivo, dinâmico e imbricado de significado.

É preciso compreender a relação tecida entre os jovens e a escola a partir de uma perspectiva que ultrapasse a sua condição de estudante, concebendo-os como sujeitos que estudam e têm outras atividades, que constroem um trajeto escolar e profissional combinado com essas outras dimensões que compõem a vida de cada um.

PERCURSO METODOLÓGICO

Com a emergência da pluralização das esferas de vida, a pesquisa qualitativa tem adquirido maior relevância para o estudo das relações sociais. Os novos contextos e perspectivas sociais apresentam as particularidades local e temporal de situações específicas, onde as expressões e atividades humanas clamam por reconhecimento. Nesse momento, não apenas as questões abstratas e universais chamam a atenção dos pesquisadores, mas, sobretudo, aquelas concernentes às experiências sociais e biográficas dos sujeitos, bem como as tradições e formas de vida locais existentes (cf. Flick, 2004, p. 17-29).

Essa nova configuração traz desafios para os procedimentos teórico-metodológicos a serem adotados nas pesquisas, uma vez que os estudos quantitativos já não dão conta de compreender esses processos. Daí que a pesquisa empírica requer uma nova sensibilidade. A abordagem qualitativa considera a existência de uma

multiplicidade de métodos, o estudo do uso e a coleta de uma diversidade de materiais empíricos que apresentem situações e sentidos concernentes à vida diária dos indivíduos. A utilização de diversas práticas interpretativas objetiva compreender de forma mais consistente o assunto estudado (Denzin; Lincoln, 2006).

Para a pesquisa educacional, a utilização de dados qualitativos possibilita a apreensão do caráter complexo e multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, estabelecendo relação com o contexto cultural mais amplo. Para Denzin e Lincoln “a competência da pesquisa qualitativa é, portanto, o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual e a ação e a cultura entrecruzam-se” (op. cit., p. 22). É a preocupação com o entendimento dos contextos em que estão inseridos os sujeitos, especialmente as singularidades das ações e interações, que motivam os/as pesquisadores a frequentar os locais de estudo. Essa dimensão interpretativa da pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador conhecer os significados que os sujeitos atribuem aos fenômenos que marcam sua condição no mundo.

Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam o processo de escolarização em áreas rurais, optou-se por adotar os princípios da pesquisa qualitativa, com base na com base na entrevista narrativa (Schutze, 2013; Bauer e Jovechelovitch, 2002; Weller, 2009; 2014). A análise pautou-se nos princípios da análise compreensiva e interpretativa da narrativa (Souza, 2014; 2016) por considerar que a utilização dessas abordagens possibilita o aprofundamento das representações sobre as memórias e experiências escolares dos jovens, além de propiciar a compreensão sobre a trajetória educacional das comunidades rurais, a partir das dimensões histórica, territorial e de gênero, dentre outras.

A pesquisa que subsidia as discussões apresentadas no presente artigo foi realizada para a elaboração de uma tese de doutorado na UnB, com jovens estudantes do Distrito rural Espraiado, no município de Palmas de Monte Alto (BA), entre os meses março a maio de 2011. A entrevista narrativa constituiu-se como principal instrumento de coleta de dados, com jovens estudantes, a partir do seguinte critério: Jovens trabalhadores nos cortes de cana (desistentes do ensino médio), Jovens estudantes no distrito Espraiado (ensino médio em andamento).

As narrativas dos/das jovens estudantes foram selecionadas a partir de um corpus

de 15 entrevistas realizadas durante a pesquisa, através de um tópico-guia. Ao término da entrevista, com o objetivo de obter informações adicionais, o participante preencheu um formulário sociocultural com informações relevantes para a constituição do perfil biográfico. Em seguida, deu-se início à análise das entrevistas. Após a transcrição e a divisão temática, tomamos como referência princípios indicados por Souza (2014; 2015; 2016) sobre a análise compreensiva e interpretativa da narrativa, considerando a pré-análise, a leitura temática e a análise interpretativa, através dos eixos inscritos na narrativa dos jovens, especialmente no que se refere à educação escolar, ser jovem, saída do meio rural, trabalho e projetos de futuro.

AS ELABORAÇÕES DE DANIELA E JOÃO SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR E MIGRAÇÃO

Considerando a relevância da trajetória escolar e dos percursos migratórios para os jovens do distrito Espraiado, será apresentada a seguir a análise de excertos da entrevista narrativa realizada com a jovem Daniela, estudante do ensino médio e moradora do distrito; e com João, jovem que desistiu da escola e trabalhou nos cortes de cana. As narrativas se propõem a compreender os sentidos atribuídos à condição de jovem estudante, aos deslocamentos e à vida nas cidades. Daniela tem 18 anos, solteira, branca, católica, natural de Palmas de Monte Alto e vive em Espraiado com os pais. Cursa o 3º ano do ensino médio no noturno. Trabalha numa lanchonete como atendente de vendas, 40 horas semanais, vende revistas de cosméticos, e conta com a ajuda dos pais. Com o intuito de conhecer a jovem, a entrevistadora (Y) se dirige a Daniela (Df) para que fale sobre tudo que é importante na sua história de vida.

Y: Eu estou aqui com uma jovem e gostaria de conhecer a sua história de vida né. Poderia me contar a sua história e não precisa ter pressa. Pode falar tudo que for importante para você.

Df: Então, desde o meu nascimento, eu todo mundo rs como se diz o ditado as pessoas nascem no hospital, rs eu não nasci no hospital eu nasci em casa mesmo, não sei se você conhece uma localidade chamada Angico. Eu nasci lá fiquei lá por 3 anos, aí quando eu tinha 3 anos a gente veio morar aqui em Espraiado. No entanto, tem quinze anos que a gente está aqui (2) passando pra, (3) não lembro rs. Mas a minha infância não lembro muito da infância, eu não tenho nada para falar da infância, que hoje em dia são poucas pessoas que sabem pelo menos o

que é infância. Pessoas novo já começa a trabalhar, antes as pessoas tinha infância, então mas (2) facilita a vida das pessoas. Adolescência, eu na minha adolescência também eu não tenho o que falar eu estou com 18 anos e não tenho o que falar se bem que eu gostei mais dos 15 anos rsrs, se eu pudesse voltar nos 15 anos rsrs era bem melhor. Mas é isso rs ((interrupção da entrevista)).

Y: Daniela você falou que gostou bastante dos seus 15 anos. Você poderia falar um pouco mais.

Df: Nos 15 anos eu gostava, o fato de ter gostado tanto não foi tanto a vida, a história, foi na escola mesmo. De 15 para 16 anos gostei muito, os colegas era diferente, era muito animada a turma e hoje não, hoje parou tudo. Por mais que eu estou no 3 ano parou, aí o fato de eu ter gostado dos 15 anos foi o primeiro ano no colégio. Por mais que eu fiquei na recuperação rsrs, foi o que eu mais gostei rs.

Daniela inicia a narrativa informando sobre o local de nascimento e a chegada em Espiraiado, aos 3 anos de idade. Destaca que não se recorda da sua infância, e que para muitos esse período da vida é marcado pela inserção precoce no trabalho. A jovem prossegue a narrativa, enfatizando a adolescência, especialmente a idade de 15 anos, como período marcante.

A atribuição de significado positivo está relacionada ao bom convívio na escola. A rememoração do período em que estudou, aos 15 anos, é narrada com entusiasmo. Os momentos vivenciados na escola, junto aos pares, certamente fortalecem os vínculos entre os jovens, já que apresentam outras possibilidades de relação. Estar junto com os colegas pode se constituir em uma experiência significativa, já que em muitas áreas rurais, a escola figura como espaço de encontro e convívio para os moradores.

Y: Você poderia falar sobre os significados da educação escolar. Como é que você vê a educação escolar hoje?

Df: Hoje em dia (2) a educação escolar, a gente não se encontra muito, porque de fato quando você vai para a escola você já tem aquela base de educação, aprendida em casa. Como se diz o ditado ‘gente já tem que sair aprendendo com os pais’. Escola hoje em dia contribui um pouco, mas hoje, hoje em dia não, antes contribuía porque hoje em dia escola nenhuma contribui mais com educação de aluno, porque escola tá pouco se lixando se aluno está educado ou se não, porque na escola os professores são os primeiros ignorantes, eles são os primeiros ignorantes. Então, eles não tem como passar uma coisa que eles nem sabe para os alunos, que é educação. Não tem como passar para os alunos, se aluno tem alguma educação na escola, com certeza já teve uma base em casa, porque na escola não aprende não.

A narrativa de Daniela sobre a educação escolar confere destaque à educação aprendida em casa com os pais, uma vez que a escola contribui muito pouco para a

educação do aluno. O descrédito atribuído à escola para a formação do ‘sujeito educado’ encontra respaldo nas relações estabelecidas na instituição. A inabilidade dos professores para gerir possíveis conflitos, fortalecem a compreensão de que os princípios que regem a boa educação, devem ser aprendidos em casa.

Daniela faz uma descrição genérica, acerca das possibilidades de ensino e aprendizagem existentes na escola em que estuda. Representa a dificuldade da jovem em fazer elaborações, a partir de exemplos concretos e específicos sobre a educação escolar.

A ampliação do nível de escolaridade dos jovens vem se consolidando, em razão da oferta regular de ensino público em muitos territórios rurais, nos últimos anos. Diante da configuração de novos contextos educacionais, a entrevistadora instiga a narrativa de Daniela sobre a experiência de ser jovem e estudante do ensino médio no distrito.

Y: Você poderia dizer como é ser jovem e estudante do ensino médio aqui em Espiraiado? Como é para você essa experiência?

Df: Ser jovem e ser estudante do ensino médio. Aqui já fica um pouco difícil ser jovem e ao mesmo tempo estudante, porque aqui é um lugar que não tem muita renda. Por mais que você arruma um serviço que ganha pouco, você não pode está sempre estudando, fica embaçado. Comigo mesmo está acontecendo eu arrumo um serviço e estou saindo antes de completar o mês, tô saindo, saindo por causa da escola. É embaçado, já tive que sair de 2 serviços por causa da escola.

A condição de ser jovem e estudante é apresentada como experiência difícil, dada a ausência de oportunidades no distrito. Para Daniela a sua condição de jovem e estudante está associada às possibilidades de ter uma renda. A necessidade de trabalhar esbarra na experiência escolar de Daniela, que para manter-se neste espaço estabelece uma relação incerta e instável com o trabalho, tal como evidencia a sua fala “eu arrumo um serviço e estou saindo, antes de completar o mês, tô saindo, saindo por causa da escola”.

O ingresso no mundo laboral constitui-se como um desejo, já que o trabalho é também compreendido como prática que garante a sua inserção no universo da cultura, consumo e sobrevivência (Dayrell, 2007).

No que tange às possibilidades de saída ou permanência no distrito, embora Daniela formule a saída, as rotas traçadas parecem inseguras e instáveis.

Df: Eu já pensava muito antes, o meu sonho era sair daqui, era não, é sair daqui, só que às vezes assim parece, a mensagem que as meninas fala: ‘quando você pensa que sabe todas as respostas, vem a vida e muda todas as perguntas né’. Acho que comigo foi realmente o que aconteceu. Eu estava com muito entusiasmo de sair e tal, meu irmão veio, me chamou para ir pra Campinas e tal, depois sei lá parece que mudou tudo. Eu quero sair, mas não vou sair, rs.

Daniela nomeia a sua projeção como sonho “o meu sonho era sair daqui, era não, é sair daqui”, o que traduz esse projeto como desejo acalentado, mas que no momento não se mostra possível.

A condição de vida de muitos jovens no momento atual é marcada pela tensão entre o presente e o futuro, sendo marcada por discontinuidades e rupturas (Pais, 2001). Nesse sentido, as elaborações em torno da partida são marcadas por realidades inesperadas, carregadas de incerteza e indecisão, tal como destaca Daniela “eu quero sair, mas não vou sair”.

Para muitos jovens do distrito, os percursos migratórios são formulados em direção às grandes cidades. Para Daniela, a imagem sobre as cidades vem permeada de referências sobre o mundo do trabalho, apresentadas por aqueles que já fizeram a travessia.

Df: Na cidade grande as coisas é muito difícil pra você trabalhar, pra se manter. Deve ser muito difícil, muito corrido. Meu irmão quando saiu daqui pra trabalhar, ele foi pra São Paulo e começou a trabalhar em restaurante. Depois que ele acostumou. No começo ele estava ganhando só 800,00, depois ele começou a ganhar 1.100,00 ficou bem melhor porque estava muito, e olha que ele não pagava nada, ele só pagava as coisas de uso pessoal, a não ser ele não pagava nada. Era tudo por conta do patrão e assim mesmo ele achava que era difícil. Era muito corrido pra ele, ele trabalhava até meia noite. Teve um dia que virou a noite, teve uma festa de casamento e virou a noite, então é corrido demais na cidade.

Daniela sabe que é difícil e corrida a vida nos grandes centros, a partir da experiência laboral do irmão em São Paulo. As idas e vindas dos parentes que moram fora, possivelmente influenciam as percepções sobre os universos do campo e da cidade, já que as relações entre estes foram reconfiguradas, o que impossibilita pensar o rural sem considerar a influência das cidades.

É possível que as referências de Daniela sobre as cidades também sejam construídas, através do acesso aos meios de comunicação de massa, que possibilita saber

como é que se vive e quais os desafios interpostos para aqueles que se deslocam dos territórios rurais.

João tem 22 anos, solteiro, católico, preto, natural da fazenda Curral Novo e desistente da escola. Trabalhou nos cortes de cana em Palmares-SP e em Curitiba- PR. Estudou o ensino fundamental na fazenda Curral Novo e no distrito Espraiado. Com o objetivo de conhecer a história de vida de João (Jm), a entrevistadora (Y) estimula o jovem a falar sobre o que é relevante para si. A narrativa inicial de João está articulada à sua saída para trabalhar fora.

Y: Eu gostaria de conhecer a sua história de vida. Você poderia me falar um pouco sobre a sua história? Não precisa ter pressa e pode falar tudo que for importante para você.

Jm: Minha história de vida, o que é importante para mim, pra gente conseguir as coisas é mais complicado um pouco. Só que a gente sai para trabalhar fora, o pouco que a gente junta, a gente guarda pra no dia de amanhã construir o que a gente quiser, levantar uma casa, comprar qualquer uma coisa, a gente sai pra ver se Deus ajuda, que a gente consegue alguma coisa né, mesmo que a gente nasceu e criou aqui, mas lá fora.. pra gente conseguir aqui é meio ruim, mas lá fora. A gente sai um ano fica 2 anos, 3 anos (10) e o que eu quero também graças a Deus é ter paz com a minha família, o sossego com meus amigos, minhas amigas por enquanto é o que eu quero.

João inicia sua história de vida, apresentando as dificuldades enfrentadas para ‘conseguir as coisas’ no lugar de morada. Projeta a saída, dada a possibilidade de juntar e guardar para construir alguma coisa. Sair para ‘trabalhar fora’ e melhorar de vida constitui-se em objetivo para o jovem, que vê nesse empreendimento uma perspectiva de futuro. Vislumbrar o porvir demanda que se invista no presente, a partir de conquistas possibilitadas pelo trabalho.

Considerando a relevância atribuída pela comunidade do distrito Espraiado ao estudo, a entrevistadora (Y) indaga sobre os significados da educação escolar para o jovem.

Y: Você poderia falar sobre os significados da educação escolar para você?

Jm: Educação escolar? Bom.. pra mim o que significa graças a Deus, o pouco que eu estudei aprendi muitas coisas boas sempre os professores me ensinou a respeitar meus colegas e os próprios professores mesmo. Meus colegas de rua, minha família, graças a Deus eu aprendi não só meus amigos mas com todas as pessoas que eu convivo eu chego em qualquer lugar não só na escola que eu aprendi coisas boas também de

futuro pelo tempo que eu estudei até hoje graças a Deus, a minha leitura é a mesma né. Se eu chegar a voltar a estudar voltar para a escola ano que vem as atividades que eu já fiz, sei tudo, não tenho dificuldade nenhuma, as vezes tem que é muito difícil né rs, tem alguma matéria que é difícil, na escola tem que aprender respeitar todo mundo, meus pais, meus irmãos sempre eles também ensina não só o que eu aprendi na escola, mas o que eu aprendi em casa também.

A narrativa de João destaca a escola como espaço destinado à aprendizagem de coisas boas, tal como o respeito, que é ensinado pelos professores na instituição. As relações pautadas pelo respeito tanto no ambiente escolar como em outros espaços de convivência, constitui-se como aprendizagem necessária para o jovem.

A condição de estudante também figura como experiência relevante. Destaca a consistência das aprendizagens obtidas, a exemplo da leitura, que o encoraja para um possível retorno para a escola no próximo ano. A obtenção do conhecimento caracterizado como ‘o pouco que eu estudei’ traduz a elaboração de João sobre a educação escolar. É possível que o breve período de permanência na escola o impossibilite de atribuir outros sentidos. O destaque conferido ao ‘pouco tempo de estudo’ chama a atenção para as elaborações feitas por João para um possível retorno aos bancos escolares

Jm: Se algum dia eu consegui encontrar uma oportunidade eu estudo, mas só que pra nós nessa idade que nós tamos, nós temos que aproveitar o nosso tempo né, aqui pra nós já é difícil e lá fora pra nós estudar e trabalhar também a gente não aguenta, a gente tem que levantar cedo para fazer almoço, nós não pega pensão ai tem de levantar de madrugada para fazer almoço, mas só que vontade de estudar eu tenho, o ano que vem eu tô querendo vê se eu estudo, mas se der tudo certo quero estudar ano que vem, tô muito arrependido de ter saído da escola, mas não teve jeito sempre o que eu queria na escola minha mãe mais meu pai não tinha a oportunidade de me dar, tive que sair da escola para poder trabalhar, mas vontade de estudar eu tenho, só que a gente trabalhando assim, o corpo da gente não aguenta, mas se Deus quiser o ano que vem eu vou ver se consigo estudar mesmo assim trabalhando vou ver se consigo matricular para estudar.

João condiciona o retorno à escola às possibilidades que poderão surgir, conforme destaca “se algum dia eu consegui encontrar uma oportunidade eu estudo”. O retorno é uma projeção acalentada, que depende de condições favoráveis que não estão asseguradas para João no momento presente.

A condição de estudante que se dedica apenas aos estudos não se constitui como possibilidade, já que tanto no lugar de origem como ‘lá fora’, o estudo encontra-se vinculado à sua condição de jovem trabalhador, e consequentemente à labuta diária que

marca a rotina do jovem. Trabalhar e estudar constitui-se como experiência difícil, haja vista que a permanência na escola demanda a assunção de um status de estudante, que não considera a vida do estudante trabalhador.

A saída da escola para trabalhar constituiu-se como experiência inevitável para João, dada a impossibilidade da família em mantê-lo na instituição. Talvez por isso, embora haja motivação para a reinserção na escola no próximo ano, a projeção de João não esteja ancorada em condições concretas para o retorno.

A ida para os canaviais marca a biografia pessoal dos jovens homens. Nesse sentido, a entrevistadora indaga João sobre a experiência de ser jovem e trabalhar nos cortes de cana.

Y: Você poderia falar sobre ser jovem e trabalhar nos cortes de cana?

Jm: Pra nós jovens, que trabalha nos corte de cana é bom né, porque mesmo que nós temos nossas mães cá, nossos pais aqui também, a gente não deixa de ajudar eles né, porque sabe que aqui é sempre mais difícil. Pra nós que é jovem e é solteiro, muitas das vezes que não tem sua casa, não tem família ainda, ou às vezes quando vai casar, dá de construir uma casa, comprar um pedacinho de terra pra gente, comprar qualquer uma coisa que a gente quer.

Ao discorrer sobre a sua condição de jovem trabalhador nos cortes de cana, João se apresenta numa perspectiva coletiva, destacando a sua pertença ao grupo dos cortadores de cana, que também partilha desta experiência, “pra nós jovens, que trabalha nos corte de cana”. Nesse sentido, a condição juvenil destes deve ser compreendida a partir da influência da dimensão sócio-espacial na constituição de um determinado modo de ser jovem.

João concebe a sua condição de jovem trabalhador como necessária para a “aquisição de uma casa, um pedacinho de terra”, bem como para ajudar à família que fica. Essas conquistas fortalecem a simbologia que caracteriza a “saída” e o “retorno” do jovem, já que para muitas famílias, o trabalho conquistado pelos filhos que estão “fora” possibilita manter a sobrevivência dos que “ficaram”. Atribuem um valor social e moral, pois essa atividade transcende a possibilidade de suprir as necessidades materiais.

A saída para os cortes de cana marca o percurso escolar de João, dada a impossibilidade de conciliar trabalho e estudo.

Jm: o que leva os jovens ao corte de cana para trabalhar, largando o estudo, é por que aqui a gente não tem a condição de construir o que a gente quer aqui né, que é muito difícil demais. Muitas vezes os alunos de hoje não estuda porque, às vezes os pais fala que não quer estudar, não é falta de interesse. Eu mesmo, eu tenho vontade de estudar, mas às vezes quando a gente trabalha muito, tem vez que chega em casa pra a gente tomar o banho não aguenta.

João apresenta as condições de vida no local de origem “aqui a gente não tem a condição de construir o que a gente quer”, como justificativa para a partida em direção aos cortes de cana. Em épocas passadas, o movimento de ir até a cidade com o objetivo de melhorar de vida marcou a trajetória pessoal e social de muitos homens e mulheres rurais.

A afirmação de João “eu tenho vontade de estudar” confere destaque à permanência na escola e, conseqüentemente, à apropriação da cultura escolar. A impossibilidade desse desejo tem a sua ancoragem nas condições interpostas pelo trabalho nos canaviais. Novos sentidos podem ser acrescentados ao deslocamento feito por João, em direção aos cortes de cana. Se em épocas passadas, os jovens rapazes que saíam dispunham de poucos anos de estudo, no momento presente observa-se que a busca pela ampliação da escolaridade faz parte das projeções desses jovens.

Historicamente, o estudo dos rapazes em áreas rurais, onde a agricultura familiar é a base de sustentação do grupo, durante muito tempo, foi visto como desnecessário. A interrupção da trajetória escolar era justificada muitas vezes por uma possível incapacidade do rapaz para se apropriar dos códigos escolares.

A saída de João para os canaviais possibilita ainda transitar por grandes cidades, o que favorece o entendimento sobre a vida que é gestada nesses espaços.

Y: Como você imagina que é morar na cidade grande?

Jm: Como eu imagino? Eu imagino eu chegar lá e não saber ter convivência com as pessoas, é só o que eu imagino, chegar numa cidade grande que não souber arrumar amizade e só querer brigar com as pessoas, não fazer amizade com as pessoas, não respeitar as pessoas é só o que eu imagino, mas por enquanto graças a Deus até aqui, sou uma pessoa que todo lugar que chego, eu só gosto de fazer amizade com as pessoas.

João associa a experiência de morar na cidade grande à imagem da convivência com os moradores. Para o jovem, as manifestações de respeito e amizade são necessárias para garantir a permanência, o convívio pacífico e seguro nos grandes centros. Relações

pautadas nesses princípios parecem possibilitar que os jovens concebam a cidade como lugar destinado à construção de vínculos positivos, e onde é possível viver a sua condição de jovem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da configuração de novos contextos educacionais, os/as jovens pautam os projetos de saída, a partir das possibilidades de ampliação da escolaridade, mas também pela inserção no mundo do trabalho. Buscam sair para trabalhar, adquirir e ajudar a família, o que reforça o sentimento de obrigação moral para com os seus. Para os jovens, as conquistas alcançadas pela via do trabalho são significativas quando estão inscritas num projeto coletivo de melhoria de vida. Daí a ascensão não se restringir ao plano individual, mas às famílias e aos seus iguais. Por fim, o fluxo migratório no distrito permanece bastante ativo, uma vez que as condições estruturais neste território favorecem a saída dos jovens em busca de outras possibilidades.

As entrevistas realizadas com Daniela e João trazem algumas pistas para o aprofundamento dos estudos sobre os percursos migratórios traçados pelos jovens estudantes do meio rural. As projeções de saída estão articuladas com os vínculos estabelecidos no lugar de origem e tem como eixo estruturante o mundo do trabalho.

Nesse sentido, as pesquisas a serem desenvolvidas também devem reconhecer os sentidos atribuídos à ampliação da escolaridade e aos projetos de saída do lugar de origem, já que estes são fundantes para o entendimento da organização dos contextos de sociabilidade no meio rural. Scott (2010) acrescenta ainda, a pertinência dos dados agregados para o entendimento das novas configurações do mundo rural, mas destaca que estes não são suficientes para retratar as especificidades que circundam os locais de estudo.

É preciso qualificar as questões vinculadas aos jovens rurais, considerando a atualidade dos contextos em que estes estão inseridos, os aspectos comuns e específicos que marcam as experiências cotidianas em distintas regiões, bem como as mudanças na relação entre as gerações. Também faz-se necessário atribuir maior atenção ao processo de escolarização, especialmente no âmbito regional e nacional; e aos desafios teórico-

metodológicos das pesquisas biográficas com jovens que habitam os territórios rurais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R.; MELLO, M. A; FERRARI, D. L.; SILVESTRO, M. L.; TESTA, V. M. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 12, 236-271, 2004.
- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 02, p. 375-390, abr./jun. 2015.
- BAUER, Martin & JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In: __; GASKELL, Georges. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p.90-113.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 15, nº 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.
- CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retrato da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-261.
- CASTRO, Elisa Guaraná *et al.* *Os jovens estão indo embora?: Juventude rural e a construção de um ator político*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- CASTRO, Elisa Guaraná. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias. In: WOORTMANN, Ellen F.; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (orgs). *Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA, IICA, 2006. p.245-277.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes ? *Educ. Soc.*, Campinas, vol.28, n.100 - Especial, p.1105-1128, Out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.15-41.
- FLICK, UWE. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Âmbar, 2001.
- SCHUTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 210-222.
- SCOTT, Parry Russel. Gênero e geração em contextos rurais: algumas considerações. In: SCOTT, Parry Russel; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida (Orgs). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010.p. 17-35.
- SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais

e a escola do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna (org). *Educação do Campo e pesquisa* – questões para reflexão. Brasília: MDA, 2006, p. 60-93.

SILVA, Catarina Malheiros da. Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano. *Tese* (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília. 2014.

SOUZA, Elizeu C. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: Elizeu Clementino de Souza; Maria Helena Menna Barreto Abrahão. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. 1ed. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS / EDUNEB, 2006, v. 1, p. 135-147.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. Um marco reflexivo para a inserção social da juventude rural. In: CASTRO, Elisa Guaraná de; CARNEIRO, Maria José (Orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 279-293.

VEIGA, José Eli da. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel (Coord.). *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Recife, 2006. Relatório de Pesquisa.

WELLER, Wivian. Narrações biográficas de jovens: o que seus destinos revelam? In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p.355-374.

_____.Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. In: *ANAIS da 32ª Reunião Anual da Anped*, 2009, Caxambu, p. 1-16.

WOORTMANN, Ellen F. Prefácio. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida (Orgs). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010.p. 11-16.

Submissão: julho de 2025. Aceite: agosto de 2025. Publicação: dezembro de 2025.